INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O estudo dos problemas sociais, fizeram com que fossem criados novos conceitos sociológicos, novas metodologias sociológicas e principalmente novas teorias sociais. Com ela o comportamento humano passou a ser visto como fonte de estudo para a sociologia, para que com isso buscassem soluções para os problemas existentes. O modo utilizado para o estudo social era a observação da interação dos indivíduos, por meio da análise das atitudes humanas e suas reações e se utilizava também de estudos institucionais, ou seja se utilizando de métodos comparativos, para daí chegar-se a conclusões.

O Interacionismo Simbólico teve como grande contribuição para sua origem a Escola de Chicago, o qual direcionava seus estudos para interpretar os métodos e operações da psicologia humana, se utilizando dos seus estudos para encontrar soluções para os problemas cotidianos, não levando em conta para isso os princípios do que é certo ou errado, desde que atinja os fins desejados.

George Herbert Mead, estudioso da Escola de Chicago, foi o responsável por focar as suas pesquisas em analisar a interação social, na qual a ação de uma pessoa gera reações no seu círculo social e essas reações se transformam em condições para a continuidade dessas ações. Ele fala que os modos utilizados para essa interação social são a linguagem e o pensamento, sendo a linguagem, um conjunto de signos e significados e o modo com que ocorre a interação social entre os indivíduos, fazendo com que se crie ou mude o pensamento sobre determinado ato ou coisa.

Tomado pelo espírito do pragmatismo, (Mead) investigou o tipo de situação de ação em que uma maior atenção nos objetos do ambiente não basta para garantir o êxito da continuidade da ação. O que tinha em mente eram problemas de ação interpessoal. Em situações sociais, o agente é, ele próprio, uma fonte de estímulo para seu parceiro. Ele deve então estar atento a seus modos de ação, uma vez que estes suscitam reações do parceiro e, por isso, tornam-se condições para a continuidade de suas ações. Neste tipo de situação, não apenas a consciência, mas também a autoconsciência são funcionalmente requeridas (JOAS, 1999, p.139).

Deste modo verifica-se que a conduta social, através da exteriorização de seus pensamentos por meio da linguagem, é quem atribui os símbolos aos indivíduos e objetos, pois com exteriorização dos diversos conceitos sobre determinadas pessoas, grupos, coisas ou atos é que começa-se a se estabelecer um conceito coletivo e inicia-se a concretização do real significado destes símbolos. Esses significados não são estáticos, pois a os pensamentos sociais sobre determinado ato pode, com o tempo, mudar, ou pode ser dada uma nova utilidade para um determinado objeto e assim mudando o conceito que a sociedade tinha sobre esta ação ou coisa.

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista, por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidades originais e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva (BERGER, 1985, p.16).

Na tentativa de explicar a interação simbólica, Mead em seu livro falou do “self”, que traduzido fica “si mesmo”, nessa ideia ele dizia que a pessoa além de interagir com os indivíduos ao redor, interagia também consigo mesmo dentro de uma concepção de “eu e nós”, onde o “eu” é o indivíduo propriamente dito e o “nós” é a sociedade, onde estes dois se unem pois as ações dos indivíduos que passam por um processo de interação servem como fomento para a construção da realidade social. Esse “self” não se inicia com o nascimento e sim vai se desenvolvendo a partir dos primeiros contatos com os outros indivíduos, a partir de uma primeira socialização do indivíduo.

Este autor fala ainda que as pessoas devem interagir consigo do mesmo modo que interage com os outros e se utilizar dessa interação individual para se colocar no lugar do outro indivíduo na sociedade, sendo essa segunda chamada de “self social”. Sobre esse fenômeno do Self, Meltzer (1972, p. 10) destaca que:

[...] todo ato começa na forma de um ‘Eu’ e usualmente termina na forma do ‘Mim’. O ‘Eu’ representa a iniciação do ato antes dele cair sob a controle das definições ou expectativas de outros (O ‘Mim’). O ‘Eu’, pois, dá propulsão, enquanto o ‘Mim’ dá direção ao ato. O comportamento humano, então, pode ser visto como uma série perpetua de iniciações de atos pelo ‘Eu’ e de ações retroativas sobre o ato (ou seja, orientação do ato) pelo ‘Mim’. O ato é um resultado desta relação. O ‘Eu’ começa espontâneo e propulsivo, oferece potencial para atividades novas e criativas. O ‘Mim’, sendo regulativo, dirige o indivíduo tanto para atividades voltadas para objetivos, quanto para a conformidade.

Se utilizando desses pensamentos, o sociólogo Hebert Blumer, também membro da Escola Sociológica de Chicago, foi o primeiro a citar a expressão “interacionismo simbólico”, foi ainda o responsável por afirmar que os atos realizados pelo indivíduo sobre os outros ou sobre as coisas, são baseadas no sentido que esses indivíduos ou coisas têm para ele, sendo que esses significados são o resultado da interação social, essa última podendo até modificar as interpretações.

Se utilizando dessa ideia, Blumer revolucionou o modo de a sociologia observar o indivíduo, fazendo com que estes passem a serem estudados se observando os seus grupos, suas ações e o modo como interagem uns com os outros, sob alegativa de que para que haja o entendimento da sociedade, tem-se que analisar estes quesitos.

Em estudos verificou-se que após ser realizada a interação social e se chegar ao conceito de uma ação do indivíduo, dependendo de como será julgado, haverá uma nova interpretação social, fazendo com que em uma próxima vez se contenha a não realizar mais tal ato, servindo também para os demais, que se utilizam de experiências vivenciadas por outro indivíduo que após ser imposto um significado para este, serve para impedir uma primeira realização por parte dele. Esses ensinamentos ficaram conhecidos como as três premissas do interacionismo simbólico, na qual ele bem descreveu em seu livro denominado de “symbolic interacinism”.

A primeira é que os seres humanos agem em relação as coisas com base nos significados que as coisas tem para eles. Tais coisas incluem tudo que o ser humano possa notar em seu mundo de objetos físicos, tal como arvores ou cadeiras; outros seres humanos, tais como uma mãe ou um balconista de loja; categorias de seres humanos, tais como amigos ou inimigos; instituições, como uma escola ou um governo; ideais guias, tais como independência individual ou honestidade; atividades de outros, tais como seus comandos ou pedidos; e tais situações como um encontro individual em sua vida diária. A segunda premissa é que o significado de tais coisas é derivado de, ou origina-se da, interação social que alguém tem com um companheiro. A terceira premissa é que esses significados são manejados, e modificados através de um processo interpretativo usado pelas pessoas ao lidar com as coisas que elas encontram. (BLUMER, 1982, p. 2)

Hugh Ducan falava sobre a hierarquia simbólica, na qual existe uma escala de poder, tendo em vista que uns símbolos valorizam os indivíduos e coisas, já outros desvalorizam os mesmos, dependendo da interpretação que foi realizada sobre determinado símbolo. Deste modo verificasse que o interacionismo simbólico serve não só para, a partir da interação social, estabelecer e modificar significados, mas também categoriza de modo a criar uma hierarquia desses significados.

[...]constitui a dramatização de uma hierarquia em que desempenhamos papéis como pessoas superiores, inferiores e iguais. Nós desempenhamos papéis através da comunicação, quando começamos a nos comunicar com um grupo, nós nos inserimos em relações hierárquicas determinadas pelos símbolos validados consensualmente pelo grupo do qual procuramos fazer parte (DUNCAN, 1962, p. 10-11).

Sobre a hierarquia simbólica Ducan (1962) fala ainda que o indivíduo vai, devido ao seus atos e suas escolhas, se movendo nessas hierarquias, podendo, ao realizar uma ação vista pela sociedade como ruim, descer nessa hierarquia, ou se fizer um bom ato, subir na hierarquia.

Para Harry Pross, a mídia, por ser um dos maiores meios de comunicação, é o canal que detém um poder de influência muito grande sobre os indivíduos, fazendo com que ao se utilizar desse meio o sujeito incorpore os pensamentos passados por a mesma e tenha como seu. Pross chamou esse fato de “ritualização técnica”.

Deste modo verificamos que para os pensadores dessa corrente sociológica o comportamento humano é visto como observável, ou seja, é possível de ser estudado, quanto as suas interações com os outros indivíduos e as suas significações e sentidos gerados a partir desse processo de interação. Diante disso podemos salientar que o interacionismo simbólico é a metodologia que estuda os indivíduos e grupos quanto o modo que interagem e com isso eles planejam e conduzem as suas ações em um procedimento interacionista para que com isso consiga formar sentidos e significados para a realidade objetiva.

Sobre essa concepção de interacionismo simbólico Guesser (2003, p. 154) fala que:

Para essa corrente, o conhecimento sociológico só pode ser percebido pelo pesquisador a partir da observação direta e imediata das interações entre os atores sociais, das ações práticas dos atores e o sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, pois é nesses pormenores que os atores constroem seu mundo social. E se a sociologia pretende resgatar a realidade, deve tomar conta desses inúmeros contatos interacionais que se estabelecem entre os atores nas ações corriqueiras do cotidiano. Os interacionistas rejeitam o modelo da pesquisa quantitativa e suas consequências sobre a concepção do rigor e da causalidade nas ciências sociais (...). Para esta corrente, é impossível apreender o social através de princípios objetivos, pois a subjetividade, ou a intersubjetividade dos atores, é extremamente importante e determinante das ações sociais. Desconsiderar as motivações pessoais e a liberdade subjetiva dos atores é criar um mundo imaginário, idealizado, que não corresponde à realidade concreta.

Um autor contemporâneo, que merece destaque, é o canadense Erving Goffman, o qual, não é considerado por diversos outros autores como um puro interacionista, mas é pela maioria visto como um membro importante na consolidação do interacionismo, tendo em vista os seus estudos na área da interação social.

Goffman considera o indivíduo um ator social que no processo de interagir com os outros, além de sofrer mudanças devido as ações realizadas pelo outro indivíduo nesse lapso temporal, ainda é o causador de mudanças nesse outro indivíduo, pois suas ações interferem no contexto social do próximo.

Esse autor, tratou da estigmatização de um indivíduo, em sua obra “Estigma – Notas sobre a deterioração da identidade deteriorada”. Na obra ele se utiliza o termo estigma para se referir ao sujeito desviante, ou seja, um indivíduo que é visto com maus olhos perante a sociedade. Em continuidade de sua obra ele fala das possibilidades de estigmas existentes, podendo elas ser advindas de deformações físicas do agente ou a partir de suas crenças religiosas, sua raça, etnia ou ainda pode ocorrer a estigma pelo fato de o agente ser homossexual, alcoólatra, ter distúrbios mentais, antecedentes criminais e seus comportamentos perante a sociedade.

[...] reconheceu-se, como era óbvio, que um indivíduo não tem mais que um minúsculo poder de decisão na mudança social, mas, ao mesmo tempo, que a mudança social deve ser tratada como resultado combinado daquilo que fazem todos os indivíduos. Distributivamente, cada indivíduo é portador de uma agência ínfima, praticamente invisível, mas coletivamente os indivíduos são todopoderosos (SZTOMPKA, 2005, p.329)

Verifica-se a semelhança entre os escritos de Goffman e o etiquetado no labeling approach, verificando assim que as ideias desse autor já demonstravam uma iniciação dessa teoria, pois não é somente a ocorrência dos motivos acima expostos que fazem alguém ser estigmatizado e sim o modo como eles serão vistos depois de passarem por uma interação social.

O interacionismo simbólico estabeleceu ainda que o indivíduo só se torna membro participante da sociedade quando ele realiza determinado nível de interiorização, o qual acontece por um processo de socialização do indivíduo, introduzindo deste modo o ser no meio social. Essa socialização nada mais é do que o aprendizado do que é necessário para uma vida em sociedade, sendo ela as normas, valores, saberes, distinção do certo e errado, ou seja toda a carga cultural de um meio social. Essa socialização se divide em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária.

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. Destacam, ainda, que o fato de estar em sociedade acarreta um contínuo processo de modificação da realidade subjetiva, de modo que, ao atuar, as pessoas vão criando significado, e, como consequência, vão criando o seu próprio mundo. (LUCKMANN, 2008. p. 175.)

Diante das palavras de Luckmann, verificamos que os dois tipos de socialização são realizados em lapsos temporais distintos, sendo a socialização primaria referente à primeira socialização experimentada pelo indivíduo, ocorrendo na infância, sendo os pais e o restante da família, os responsáveis por essa inserção social, tendo em vista serem as primeiras pessoas a terem contato com o indivíduo quando criança. Essa socialização tem a particularidade de ocorrer sem a escolha do indivíduo, pois o mesmo não tem o poder decidir sobre sua vida ainda. A socialização secundária ocorre quando o indivíduo inicia a interagir com outros grupos criando assim novos conhecimentos, deste modo não ocorre só uma socialização secundaria e sim varias, pois toda nova descoberta que o indivíduo realiza é denominado pelo Interacionismo Simbólico como socialização secundária.